



CONSULTORIA DOUTRINÁRIA

Destino

Se Deus sabia, de antemão, que o homem ia pecar, então existe destino. Como admitir o contrário? – S. M. C.

Deus prevê, mas Deus não destina. Certa vez, um homem estava no topo de um prédio muito alto, situado na confluência de duas movimentadas avenidas. Olhando lá de cima o movimento dos carros, notou que dois veículos, na mesma velocidade, iam na mesma direção. E ele pensou: vão colidir. E foi exatamente o que aconteceu. O homem previu, mas sua previsão não determinou o acidente.

Antes mesmo do nascimento de qualquer pessoa, Deus já sabe como será essa pessoa e quais as lutas e problemas por que vai passar na vida, mas o que lhe acontecerá não vai ocorrer porque foi previsto por Deus, mas foi previsto porque irá ocorrer pelo uso que a pessoa fizer do livre-arbítrio.

Existe um propósito geral para o Universo e para cada pessoa, mas Deus não estabelece o destino de indivíduo algum, nem força a vontade humana, tanto no que diz respeito aos interesses eternos como aos temporais. (Ver Jos. 14:15; Isa. 55:1; João 1:12; 3:16; 7:37; Apoc. 22:17.) Esse propósito geral é que todos cheguem ao conhecimento da verdade e tenham uma vida feliz (II Ped. 4:9; João 10:10; III João 2). Contudo, Ele não interfere na vontade individual, e cada pessoa colherá as conseqüências da maneira como emprega o livre-arbítrio.

Sabemos que as ocorrências da vida estão sob o domínio de Deus, e Ele faz com que todas as

coisas cooperem “para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito” (Rom. 8:28). Também sucede que, quando alguém se endurece no mal, o Senhor retira Sua proteção dessa pessoa, e ela fica entregue ao domínio de Satanás. Não nos esqueçamos, porém, de que em tudo isso a livre escolha do indivíduo desempenha uma parte preponderante.

Os seguintes textos bíblicos confirmam o que estamos dizendo:

“O tempo e a sorte pertencem a todos” (Ecl. 9:11).

“Desviando-se o justo da sua justiça e cometendo iniquidade, morrerá por causa dela; na iniquidade que cometeu, morrerá. Mas, convertendo-se o perverso da perversidade que cometeu e praticando o que é reto e justo, conservará ele a sua alma em vida” (Ezeq. 18:26 e 27).

O capítulo 28 de Deuteronômio prova que a atitude e a vontade de uma pessoa influem grandemente em seu bem-estar futuro, tanto nas questões materiais quanto nas espirituais.

Ellen G. White diz: “As profecias não moldam os caracteres dos homens que as cumprem. Os homens executam seu próprio livre-arbítrio.” – *Review and Herald*, 13 de novembro de 1900.

“Oh! pudesse cada pessoa compreender ser ela o árbitro de seu próprio destino! Convosco jaz vossa felicidade para esta vida e para a futura vida imortal.” – *Mensagens aos Jovens*, pág. 31.

“A cada nação, a cada indivíduo de hoje, tem Deus designado um lugar no Seu grande plano. ... Todos estão pela sua própria escolha decidindo o seu destino, e Deus está governando acima de tudo para o cumprimento de Seu propósito.” – *Educação*, pág. 178.

Segunda morte

Se Cristo experimentou a “segunda morte”, por que então ressuscitou? – R. P. S.

Para responder a esta pergunta, resumiremos um artigo escrito por Angel Manuel Rodríguez, diretor associado do Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral.



A expressão “segunda morte” é encontrada quatro vezes no livro de Apocalipse, e em nenhum outro lugar mais da Bíblia (Apoc. 2:11; 20:6 e 14; 21:8). A segunda morte é fundamentalmente diferente da morte natural. Tanto o pecado quanto a morte entraram no mundo juntos, e serão erradicados ao mesmo tempo, no final do milênio. A segunda morte é a penalidade final para o pecado, a total e eterna eliminação dos poderes do pecado.

A segunda morte é o processo pelo qual a vida pecaminosa será fim (Apoc. 20:10 e 14). A segunda morte é marcada pela dor. Dor física e dor espiritual (Apoc. 2:11; Luc. 10:19; Col. 3:25).

A segunda morte, finalmente, é legalmente justa. Não tem poder ou autoridade sobre os

justos (Apoc. 20:6). Será uma sentença contra os ímpios, e não uma expressão de arbitrariedade divina, mas uma expressão de penalidade legal ou retribuição (Col. 3:25).

Jesus sofreu a segunda morte no sentido de que experimentou terrível dor física e emocional (Mat. 26:37 e 38; Luc. 22:43 e 44; cf. Heb. 5:7-9).

Jesus sofreu a segunda morte porque ela era a justa penalidade para os pecados do mundo (Mar. 10:45). Cristo sofreu a segunda

morte ao assumir a responsabilidade por nossos pecados e receber sua penalidade (II Cor. 5:21).

A segunda morte tem uma característica: a dor do abandono e da separação de Deus. E Jesus experimentou tudo isso (Mat. 27:46).

E por que Jesus ressuscitou? Porque não havia pecado nEle. Por isso, a sepultura não O pôde reter.

Perguntas para:
CONSULTORIA
DOUTRINÁRIA
Caixa Postal 34
18270-000 Tatuí, SP